

Questões extemporâneas das culturas digitais em educação

Extemporaneous issues of digital culture in education

Cuestiones extemporáneas de las culturas digitales en la educación

Antônio Vital Menezes de Souza¹

José Mário Aleluia Oliveira²

Resumo: Discutimos nesse artigo o extemporâneo e suas relações com as culturas digitais em educação. O inesperado, o repentino, aquilo que é inoportuno, precoce, que aparece “fora de seu tempo”, torna-se, aqui, o centro de nosso interesse. Para desenvolver o tema, mantemo-nos associados e motivados a uma questão provocativa: Que elementos e expressões se configuram na experiência social contemporânea quanto aos modos pelos quais os atores sociais lidam, constroem, significam e reconfiguram suas ações sociais nos cenários da educação em suas interações e mediações com os processos e produtos das culturas digitais? Inicialmente analisamos as culturas digitais através de noções provocativas relacionadas à dimensão sociotécnica nelas engendrada, explicitando as teias do impreciso como elemento fundante das culturas digitais. Em seguida, destacamos os trânsitos e movimentos presentes na formação contemporânea, concentrando a atenção nas polilógicas do educar no tempo presente. Como heurística de nosso esforço inventivo, cabe-nos explicitar aos interessados a contundência da busca de compreensão a respeito dos fenômenos de imersão, trânsitos, bifurcações, rupturas, identificações, volatilidade e dispersão rítmico-concêntrica de condutas sociais de agrupamento sociotécnicos quando se associam os campos das culturas digitais e da educação contemporânea.

Palavras-chave: Culturas Digitais. Educação. Contemporaneidade

Abstract: In this article we discuss the extemporaneous and its relation to digital cultures in Education. The unexpected, unanticipated, the unpredicted, unforeseen, untimely, which appears out of time, becomes here the heart of our interest. Considering this issue, we still linked to a provocative question: which elements and expressions are present in the social contemporaneous experience regarding the relations established by teachers, educators and social actors in the scene of education and digital cultures? First, we analyse the digital cultures through provocative notions related to the social and technical dimension of digital cultures. Then, we highlight the movements that are presented in the contemporaneous formation, focusing on multiple logics of teaching at the present time. To complete this inventive effort we try to explicit all the multiplicity of scenes, intervals, hiatus, identities, and

¹ Doutor em Educação. Professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal de Sergipe (PRODEMA/UFS). Professor do Departamento de Educação, Centro de Educação e Ciências Humanas (UFS). Líder do SEMINALIS - Grupo de Pesquisa em Tecnologias Intelectuais, Mídias e Educação Contemporânea (CNPq). a.vmsouza@yahoo.com.br.

² Doutor em Educação. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (PPGED/UFS). Professor do Departamento de Educação, Centro de Educação e Ciências Humanas (UFS). Líder do SEMINALIS - Grupo de Pesquisa em Tecnologias Intelectuais, Mídias e Educação Contemporânea (CNPq). jmaleluia@hotmail.com

dispersions regarding social practices and technical groups that associate themselves in the field of digital cultures and contemporary education.

Keywords: Digital Cultures. Education. Contemporaneity.

Resumen: En este trabajo, discutimos el extemporáneo y sus relaciones con las culturas digitales en la educación. El inesperado, repentino, aquello que es inoportuno, precoz, que se muestra “fuera de su tiempo”, se torna aquí el centro de nuestro interés. Para desarrollar el tema, nos mantenemos motivados y asociados a una cuestión provocativa: ¿Qué elementos y expresiones se configuran en la experiencia social contemporánea con respecto a los modos por los cuales los actores sociales tratan, construyen, significan y reconfiguran sus acciones sociales en los contextos de la educación en sus interacciones y mediaciones con los procesos y productos de las culturas digitales? Primeramente tratamos de analizar las culturas digitales a través de nociones provocativas relativas a la dimensión socio-técnica que las conforman, buscando explicitar las telas del impreciso como elemento fundante de las culturas digitales. En seguida, se destaca los tránsitos y movimientos presentes en la formación contemporánea, concentrando la atención en las múltiples lógicas del educar en el tiempo presente. Como heurística de nuestro esfuerzo inventivo, nos cabe explicitar a los interesados la contundencia de la búsqueda de comprensión con respecto a lo fenómenos de inmersión, tránsitos, bifurcaciones, rupturas, identificaciones, volatilidad y dispersión rítmico-concéntrica de las conductas sociales de agrupamiento socio-técnico a la vez que se asocian los campos de las culturas digitales y de la educación contemporánea.

Palabras-clave: Culturas Digitales. Educación. Contemporaneidad.

Introdução

O emprego recorrente do termo ‘cultura digital’³ nas pesquisas, práticas e cenários educacionais é cada vez mais frequente. Existem dissensos e rejeição de interesse de professor(a) em torno do manejo técnico-operacional não apenas no uso didático dos instrumentos tecnológicos, mas, sobretudo, na aceitação das novas configurações socioculturais pelas quais se expressam arranjos técnicos, educativos e de formação distintos daqueles vividos em contextos sociohistóricos nos dias atuais.

Todavia, no uso social cotidiano existem diferenças relevantes quanto aos modos de apropriação dos artefatos sociotécnicos feitos pelos atores sociais contemporâneos de diferentes gerações. Imersão, trânsitos, bifurcações, rupturas, identificações, volatilidade e dispersão rítmico-concêntrica de condutas sociais de agrupamento são elementos constantes

³ O termo *cultura digital* (no singular), para nós, não representa a dinamicidade dos fenômenos contemporâneos e nem a especificidade singular a qual fazemos referências teórico-metodológicas na pesquisa em educação. Por isso, adotamos o termo *culturas digitais* (no plural).

na observação menos apressada sobre o tema. É a tais fenômenos que nos dedicaremos. Falamos a partir de um lugar, no entanto.

Neste artigo o extemporâneo e suas relações com as culturas digitais em educação é o elã de nossa aventura intelectual. Dispostos ao diálogo com o mundo-diferença, não nos deteremos em reflexões pacíficas, cozidas e temperadas com o gosto costumeiro dos paladares viciados no mesmo, no idêntico e no similar. O inesperado, o repentino, aquilo que é inoportuno, precoce, que aparece “fora de seu tempo” é o que vem despertando nosso interesse na pesquisa educacional há quase uma década. Os modos como os atores sociais contemporâneos lidam, constroem, significam e reconfiguram suas ações sociais tornam-se os elementos os quais auscultamos, sem pressa, na busca de compreensão intensiva sobre os fenômenos da dinâmica social.

É do aspecto viril, potente e em risco de falência iminente, em conjunção com os flácidos trajetos, pálidos contornos de traçados de processos como a identificação, agrupamentos e arranjos societais limítrofes, difusos e arquitetados numa lógica de composição bifurcada, que estamos constituindo nossa língua-lodo, à semelhança de um pântano que se mantém vivo em seus estados incessantes de decomposição. E não tratamos de sobrevida, mas de intervida.

Defendemos que o campo educacional, fecundo em seus interstícios de produção, encontra na paralisia mórbida da liturgia acadêmica um dos seus principais entraves: a negação do Outro, do possível, do novo. Há de se reconhecer seus encantos, entretanto. O Canto da Sereia que fascina na superfície e nos deixa à própria sorte nas profundezas é um dos mais intermitentes pavores da contemporaneidade. Nesse sentido, é comum o esforço em driblar as facetas da singularidade com a palavra grafada do que nos é conhecido. Nominamos, adjetivamos e pronominalizamos o mundo. Muito raro é sentirmos as veias do verbo em seus estados, ações e fenômenos a nos pulsar em vida!

Assim como a Terra Prometida, a dimensão do educativo e das práticas de formação, aguarda e garante, mesmo sem confiança no que se prega, o futuro, o amanhã, a perspectiva de que estaremos melhores, mais isso, mais aquilo. Não nos percebemos na multiplicidade de nossas próprias diferenças, tão singulares. Toda espécie de promessa insiste em galopar em torno do “eidos”, essência de todo bem, moralizante e coercitivo.

Nesses trâmites, é preciso, sempre, pensar como os Enviados dos Céus, filhos iluminados das ciências, da política, da filosofia. É preciso seguir na direção do coletivo

petrificado nas palavras de ordem de tanta rejeição ao fluxo de vida daqueles guardiães morais, invigilantes de sua própria negação, entorpecidos pela repetitiva catatonia, em gritos, do dever-ser, sem notar que no baile do dialético, o retorno do mesmo é garantido, com outras vestimentas, não sem os fios morais invisíveis a nos ditar todo dever, que com seus tons proféticos, anunciam a Boa Nova: esperança cega no que virá e renúncia absoluta em dizer, simplesmente, do que se é, seus estados em movimento incessante de ebulição. São prolongamentos e tentáculos visguentos a nos abraçar, com a pressa de consumir revoluções da manutenção das coisas às ideias que se defendem, postas na mesma direção do que se critica: assume-se um si mesmo homogeneizado pela identidade de grupo, de comunidade, de instituição.

O Outro, assim, será sempre ameaça e risco. Posicionamento letal e rígido à vida. Circularidade hegemônica, estridência política de diálogo para muitos, em uníssono com uma só voz: a voz do dever, daqueles discursos que inflamam qualquer orador: “como isso é possível?”, “você não pode dizer isso!”, “não é admissível que (...)”, “você deve fazer isso, aquilo!”. Quando não menos, ainda: “com base em quem você pode afirmar isso?” E vamos em busca de nossas filiações teóricas, nossas bandeiras e princípios, nossas liturgias, repetidas e incessantes vezes, fazendo de práticas de ciência, doutrinas políticas, ideologias de domesticação e egolatria intelectual institucionalizada.

O campo de pesquisa em culturas digitais em educação não se encontra distante desse panóptico. Todo ato de exposição se torna vitrine de visibilidade e não queremos extinguir as imagens que assumimos na contramão de nossas identidades. Por isso mesmo, aqui, nossa discussão possui pertinência. Não nos caberá qualquer tipo de exorcismo e nem de culto. Apenas nos interessa ler de perto as coisas como elas se dão, como funcionam no mesmo instante em que se concretizam em suas multiplicidades e diferenças, para nós, em cada um e em conjunto. Versões, leituras do que observamos, ouvimos, vemos, cheiramos, tocamos, sentimos. Enfim, os que nos põem em movimentos.

O extemporâneo é para nós uma pele. Reveste e põe em contato o mundo de fora com o mundo de dentro. Comunica. Possibilita trânsito. Faz circuitos e porta consigo códigos, linguagem, signos, nódulos de sentido. Nesse ínterim, convidamos a todos os interessados a uma aproximação de nossas ideias com o risco de contágio virulento. Não temos vacinas e nem garantimos imunidade. Aliás, não a desejamos. Ao que nos propomos é decomposição para rearranjos individuados de cada um que nos beire pelo contato, trocas incessantes de salivas

intervida, em nossa língua-lodo. E mais um expressivo pulso em nós: não temos início e nem teremos fim a alcançar. É que fazemos ciência com o corpo e com o gosto das coisas. Misturamo-nos com elas e não as confundimos conosco. Vamos?

Culturas digitais: de noções provocativas aos veios sociotécnicos e o impreciso

Um dos principais elementos que caracteriza as culturas digitais é o processo de apropriação feita pelos atores sociais. Por apropriação entendemos o ato de **tornar adequado** aos processos de comunicação sociocultural entre pessoas **tudo aquilo** que não sendo próprio do sujeito, desdobra-se, modifica-se e se amplia, através da posse da coisa mesma, mediante a inserção, contato e/ou ação direta de sistemas cognitivos, ético-estéticos e socioculturais influenciados pelo uso imediato (direta ou indiretamente) de funcionalidade, mecanismos e estruturas contidos num determinado objeto de natureza técnica.

Nessa construção teórica, admitimos a indissociabilidade do objeto técnico em relação aos sistemas de objetos técnicos e à noção de contexto de origem no qual se estruturam as primeiras constituições do objeto técnico. Por isso, o objeto técnico é humanamente construído e se expressa como artefato sociocultural. Nesse sentido, a apropriação envolve sistemas complexos de relação com produtos técnicos que, ao agregar dispositivos de base material, não isola os consequentes vínculos de base cultural, seja na faceta do imaginário, do sógnico, do simbólico e de suas ramificações.

Em culturas digitais, a noção de objeto técnico, refere-se ao mundo das coisas em relação entre si. Este mundo é mediado pelo processo de apropriação feita pelas pessoas em suas relações com as coisas do mundo. Coisas é substantivo que expressa a diversidade e variação de elementos do mundo (práticas, processos, homens, ações, fenômenos, estados etc.), que expressa a previsibilidade/imprevisibilidade em dobra, inesperados. Para nós, a coisa em si não é representacional. É condensadora de múltiplas significações que se vulcanizam na efervescência das típicas singularidades do uso individuado e não se restringe ao uso social comum em termos de funções, regras e gramáticas pré-estabelecidas, sejam elas salvacionistas, sociais, políticas, pedagógicas.

O processo de apropriação contemporânea em culturas digitais é movente, irrequieto e inventivo. Os atores sociais fundamentam suas ações sociais numa lógica do possível e potencializam suas relações com as coisas em apropriação na pergunta insistente do “e se...

e/ou, ainda, por que não?”. A origem desse movimento ocorreu não muito recentemente. Desde que o homo sapiens sapiens atribuiu sentido ao mundo e interagiu com ele em busca de suas necessidades de manutenção de vida, a criação e/ou surgimento do objeto técnico manteve a inteligibilidade disposta aos processos de apropriação. Nisso consiste a inventividade e a inovação incessante dos objetos técnicos, construídos e situados historicamente. Lê-se:

Na realidade, toda técnica é história embutida. Através dos objetos, a técnica é história no momento da sua criação e no de sua instalação e revela o encontro, em cada lugar, das condições históricas (econômicas, socioculturais, políticas, geográficas), que permitiram a chegada desses objetos e presidiram à sua operação. A técnica é tempo congelado e revela uma história (Santos, 1997, p. 40)

Nessa conjuntura de análise, as primeiras noções provocativas em culturas digitais se referem ao que denominamos veios sociotécnicos. A sociotecnia é o combustível do funcionamento das relações sociais contemporâneas. Considerando que os primeiros estudos modernos sobre o tema, na dimensão sociológica, estiveram ligados pesquisas de J. Woodward acerca do impacto da tecnologia sobre a natureza das tarefas produtivas e delineamento de cargos, por exemplo, é comum identificarmos a reconfiguração do termo “sociotecnia” aplicado sempre aos contextos das interações humanas na estruturação, validação e legitimação de decisões (científicas, sobretudo). Assim, é que Bruno Latour (1947-***), no campo das ciências antropológicas vai delinear fecunda e relevante discussão sobre as redes sociotécnicas na produção do conhecimento científico e das relações sociais.

A dimensão antropológica do veio sociotécnico nos estudos das culturas digitais produz significativo avanço na produção de conhecimento. Para nós, a rede sociotécnica inclui e se compõe tanto da rede de computadores, quanto dos agrupamentos pessoas, resultando desse plano de ação a interconexão de seres humanos, sob forma de rede social, possibilitada pelos artefatos técnicos em seus sistemas, engendramentos e lógicas de mediação, funcionamento e validação e operados diferentemente por pessoas em espaços diferenciados.

Latour (1994) define a estrutura das redes sociotécnicas, na qual o ser humano seria mais um nó dentro do sistema. E a referencialidade do homem na produção e no desenvolvimento dos sistemas técnicos incorre numa perspectiva de ocupação na estrutura e funcionamento dos sistemas técnicos de modo não-linear, mantendo-se sempre em estado de abertura a novos componentes (materiais, lógicos, epistemológicos e políticos). Nesse ínterim,

a produção dos estilos de vida contemporânea elabora-se como sendo produção de coletivos híbridos (Latour, *idem*).

As culturas digitais, porquanto, são, ao mesmo tempo, processo produtor e produtos originados na experiência social contemporânea. Por isso, a recorrência à ideia de artefato sociotécnico de expressões culturais, associadas aos coletivos híbridos. A experiência social contemporânea implica que a existência de práticas sociais mediadas não dispõem de definições substancializadas, definidas a priori das práticas sociais. As práticas sociais são, pois, definidas nas práticas sociais, culminando na adoção do conceito de experiência social em François Dubet (1946-****) como sendo correspondente à ação (interação) orientada por princípios culturais. Em outras palavras, a experiência social é construída nas próprias dinâmicas das relações sociais e elaborada sob certas circunstâncias históricas, evitando explicações aprioristas da vida social. Nisso, consiste compreendermos que a construção das experiências sociais dos atores formula as relações sociais dela advindas (Dubet, 1994).

As dimensões específicas da experiência social contemporânea sofrem influências da socioculturalidade. O conceito de socioculturalidade tem suas fontes de origem em larga historiografia recente. Uma fonte inicial do conceito de socioculturalidade é a Psicologia da Cultura. Cole (1998) delimita o campo da psicologia da cultura não como nova disciplina ou uma subdisciplina da psicologia, mas em uma psicologia que trata a cultura como um aspecto central. Mas, do que se trata? Trata-se de considere, ao menos quatro importantes elementos: a) a ênfase na ação social mediada no contexto; b) a concepção de que a mente emerge na atividade mediada conjunta das pessoas; c) os indivíduos são considerados como agentes ativos no seu próprio desenvolvimento; d) a forma como agem os atores sociais nos diferentes settings depende da organização cultural que lhes nutre a cotidianidade de sua existência. Nestes termos, para Cole (1998), existiriam formulações diferentes dentro a psicologia da cultura. Todavia, o contexto sociocultural é uma parte integrante do funcionamento mental. Por isso mesmo, é possível falar em duas vertentes da psicologia da cultura: uma influenciada pela psicologia russa (representada por Vygotsky, Luria e Leontiev) e outra influenciada pela antropologia e pelas teorias da cultura americanas.

Nesse cenário, Shweder (1995) representaria a vertente da antropologia e teorias da cultura americanas, focalizando o contexto, a especificidade do conteúdo do pensamento humano e a mediação por símbolos, enquanto Bruner (1997) representaria a vertente influenciada marcadamente pela escola russa, enfatizando a emergência e funcionamento dos

processos psicológicos dentro dos encontros mediados, organizados culturalmente. A ênfase se centra no chamado aspecto social-simbólico, e um de seus principais autores é o próprio Cole (1995, 1998, 2002).

O ponto de partida dessa discussão está na centralidade que a concepção de cultura imprime no corpo teórico em pleno desenvolvimento. Cultura, na psicologia da cultura, baseia-se fundamentalmente da noção de artefatos sociais. Os artefatos medeiam diferentes conceitos. Os conceitos são vistos, inclusive, como artefatos sociais cujo processo de mediação exprime formas culturalmente organizadas. Lê-se:

Para que se considere o pensamento culturalmente mediado é necessário especificar não apenas os artefatos através dos quais o comportamento é mediado, mas também as circunstâncias nas quais o pensamento ocorre. Estas considerações nos levam de volta ao ponto essencial de que todo comportamento humano deve ser entendido relacionalmente, em relação ao seu contexto. (COLE, 1998, p. 131)

A abordagem sociocultural deve ter como garantia a busca pela superação do método simplificador e universalista. É preciso manter um diálogo "intradisciplinar", multidisciplinar e transdisciplinar com os conceitos relacionados à ideia de cultura. Cultura, nestes sentidos, convoca transversalidades. Por isso mesmo a ideia de cultura é elemento central em nosso estudo. Existe uma diversidade de referenciais teóricos que abordam a questão da cultura nos espaços de interação social. Por exemplo, o referencial ecológico de Bronfenbrenner (1986; 1996), o enfoque de Cole (1995 e 1998) na psicologia da cultura, a noção de nicho de desenvolvimento de Harkness e Super (1994), o conceito de etnoteorias parentais (Harkness & Super, 1992), a ideia de teorias nativas de sucesso (Ogbu, 1981), o modelo ecocultural apresentado por Berry (1995) e as contribuições de Triandis et al. (1988), na vertente da psicologia transcultural. De modo geral, todos estes autores têm tentado compreender as ligações entre o contexto ecológico e cultural e o desenvolvimento e comportamento humanos.

O modelo ecológico-cultural serve como base para investigações sobre diferentes esferas do contexto social (as relações em casa, a vizinhança, o contexto cultural, a época histórica). Neste sentido, pode-se dizer que o modelo de Bronfenbrenner converge com o conceito de nichos de interação social proposto por Harkness e Super (1994). De outro modo, podemos afirmar que as investigações sobre o processo de interação social devem considerar as pessoas e o ambiente como um sistema interativo. O nicho de desenvolvimento das interações sociais envolve três subsistemas: o ambiente físico; o ambiente social dos atores

sociais; os costumes culturalmente construídos sobre o significado das interações sociais mediatizadas pela cultura.

Para nós, entretanto, é Felix Guattari quem explicita de modo mais coerente o conceito de socioculturalidade. Através da análise sobre as profundas mudanças ocorridas na segunda metade do século XX, Felix Guattari trabalha os conceitos seminais em torno da ideia das três ecologias: a ecologia do meio ambiente; ecologia das relações sociais e a ecologia da subjetividade. Então, a socioculturalidade é ecológica e rizomática: porta aproximações com o conjunto das produções da subjetividade contemporânea, entre outras na contemporaneidade nos interessa as culturas digitais. Como tal, entendemos que, através da socioculturalidade, os modos de vida humanos individuais e coletivos evoluem no sentido de uma progressiva deterioração. Lê-se:

As redes de parentesco tendem a se reduzir ao mínimo, a vida doméstica vem sendo gangrenada pelo consumo da mídia, a vida conjugal e familiar se encontra frequentemente ossificada por uma espécie de padronização dos comportamentos, as relações de vizinhança estão geralmente reduzidas a sua mais pobre expressão (GUATTARI, 1990, p.7-8).

Esta forma, pela qual possibilitou o ser humano a se perpetuar, está lentamente cedendo lugar ao imediatismo, ao modo fácil e despreocupado, pois se elegeu, involuntariamente, quem possa pensar por ele, ou seja, o ser não encontra mais barreiras a ser superada, a não ser, o estar na frente do Outro, donde os fins justificam os meios. Com isso o humano deixa, paulatinamente, de se perceber um ser complexo, dual, no mais forte significado da palavra para se tornar uma coisa, um objeto que pode ser manipulado ao sabor das tendências, tornando-se apenas um ponto de referência puramente estatística na produção de consumo, sendo exortado a extrapolar, ou seja, sair da sua realidade da qual subsiste para adentrar ao subjetivo estereotipado. Nota-se:

É a relação da subjetividade com uma exterioridade – seja ela social, animal, vegetal, cósmica – que se encontra assim comprometida numa espécie de movimento geral de implosão e infantilização regressiva (...). A alteridade tende a perder toda a aspereza. O turismo, por exemplo, se resume quase sempre a uma viagem sem sair do lugar, no seio das mesmas redundâncias de imagens e comportamento (...). (GUATTARI, 1990, p.8)

Em culturas digitais, é essa a dimensão tipificadora do impreciso: excede-se em voluntariosa manifestação. O impreciso é encarnado no tédio manifesto pelas gerações que fazem apropriações sociotécnicas na contemporaneidade. Surgem desse conjunto a apatia, o

fervor devotado do imediatismo de consumo e uso dos artefatos sociotécnicos, a virulenta opacidade das exposições e das trocas de informações incessantes em redes virtuais, alheias à presença de uma massa silenciosa, observadora, vigilante e tediosamente se autodenominando pura, alerta e consciente. O impreciso é da ordem da dispensa do querer-ter e não do estar-querendo. É uma prática gerundialista, dando movimentação aos contornos em espiral do sentir, anseio de estar-junto o tempo inteiro sem reclamar presença direta, ou ainda os ruidosos inconvenientes dos “falatórios do tipo pregação moral”, vesgos na insana procura da posse, do controle e do domínio sobre o diferido.

Assim sendo, os “aspectos mais humanos” referem-se às características psicológicas inerentes ao homo sapiens sapiens que se encontram na raiz dos problemas ecológicos (como epistemologia) e sociais (como artefatos técnicos). Como exemplos desses arquétipos da psique humana, temos: o instinto de violência, a vontade de dominação e todo padrão psicológico que nos afaste da afeição à vida. A partir de meditações sobre como o lado “obscuro” da subjetividade do homem, encontra-se no cerne de toda a devastação social e ambiental que cada dia nos é mais presente, Felix Guattari estabelece, que a Ecologia Ambiental não é a única que deve ser considerada, senão que outras duas, naturalmente interligadas entre si, mostram-se tão importantes quanto a primeira, essas são: a Ecologia Social e a Ecologia Mental.

O conceito de ecologia é assim ampliado, abrangendo as questões que dizem respeito à autodestruição humana de forma mais completa, ressaltando pontos como a necessidade de rever a estrutura das classes sociais, o estabelecimento e cumprimento de regras universais dos direitos humanos, o reconhecimento da interdependência entre os seres e da complexa teia de relações entre eles. No que concerne aos estados de manifestação das culturas digitais, a hominização ainda não se cumpriu e nem se cumprirá em longos percursos de tempo-espço, pois se trata de deslizante coreografia que se descreve na mesma potência de realização que a própria vida: não cabe nem num conceito, nem em teorias explicativas.

Os trânsitos da formação contemporânea: polilógicas do educar

Não se torna difícil relacionar as últimas reflexões ao campo da formação humana contemporânea. Nessa parte de nossa inventividade fecunda, optamos por associar a formação a qualquer tipo de educação. Formação é noção complexa. Pede-nos escuta sensível naquilo

que se é e se vê manifestando. Formação como dever-ser fenece todo grão fecundo. Faz morrer potência e extermina a realização da vida. Porquanto, não acreditamos em educação, no singular ou no plural. Mas, em formações. Tantas quantas forem possíveis, em nossa língua-lodo, decompor para contrair as facetas do diferido. Por isso, é que defendemos que existe uma poliglotia nas transpirações de qualquer intencionalidade educativa. A pedagogia, cheia de suas caixas resolutivas, pronta a causar mais confusão do que avanços na questão metodológica relacionada ao ensino e/ou aprendizagem, versa no contato com as realidades instituídas, verdades sacras: é preciso educar pelo aproveitamento do modismo, da novidade, em pazes com a evolução, garantindo o progresso e a conscientização crítica das tecnologias. Nisso, ocorrem pregnância de suspeitável moralismo. Nem dentro e nem fora da experiência social contemporânea: fica na iminência do medo de ficar para trás. Professor(a) atualizado é aquele que emprega de modo sistemático os artefatos tecnológicos com a tentacularização visguenta de absorver da vida toda forma de estabilidade conteudista, mórbida sensação de bem-estar do dever cumprido.

É nesse campo fecundo de insuficiência mordaz que nós encontramos um outro modo de sentir o plano das ações formativas. Onde existirem tediosas conquistas pedagógicas, encontramos a configuração de sucessivas muletas de adaptação ao clássico jogo de modelos identitários de vida social. Quando a escola fracassa, o faz em nome de parâmetros e princípios. O ator social, alheio à manifesta e sedentária morbidez dos vigilantes educadores, vibrando em sentidos dos fluxos intermitentes do diferir-se, inclusive de si mesmo, e, sempre, encarna a palavra fria do esquecimento, do absenteísmo ou do abandono das fileiras escolares. Onde há vida? Certamente não é na escola.

Nossa exposição pode causar em tantos a ojeriza horripilante, comum às mentes treinadas no controle para submissão. É isso mesmo que estamos dizendo: não à escola e a pedagogia moderna. Ambas estão carregadas de civismo, ortopedias inteiras são programadas ao enrijecido modelo cidadão da consciência e da crítica (do tipo pense como eu penso e será salvo). Nem revolucionários estridentes, nem passivos de submissão. Optamos pela opacidade da vida social e com ela, observando seus contornos, enviesar “as maneiras habituais do ator social explicar, operar e compreender suas próprias práticas e decisões”. São os etnométodos à guisa coulôniana.

O ator social não é idiota cultural e nem precisa de intérprete de suas ações, mas de escuta randômica, capaz de tornar exponencial as variações completas de seus nódulos de

sentido, suas falangetas de articulação, bifurcadas pela dobradura do exercício da escolha e do livre pensamento. Ousar dizer e não justificar o diferido como o não aceito. Ultrapassar a barreira do medo e irromper na direção do dizer sim à vida como ela é: nem mais e nem menos intensa. A vida é, simplesmente. Sentimos a vida e cada uma a sua maneira, simplesmente.

Por isso mesmo, a polilógica do educar se condensa pelas formações no seu sentido epigenésico. A origem das formações está na epifania de fontes de singularização, perfiladas pela experiência social contemporânea e geridas pela absorção de fluxos e intensidades autorreguladas. Nessa busca da origem e de fontes das formações encontramos elementos inter-relacionados quanto à experiência social: a) imersão e trânsitos; b) bifurcações e rupturas; c) identificações e volatilidade; d) por fim, dispersão rítmico-concêntrica de condutas sociais de agrupamento.

A imersão e os trânsitos correspondem aos movimentos das formações incluindo aproximação inicial aos estados de passagem de um ponto a outro no conjunto das práticas sociais, sem somas ou subtrações: variação de multiplicidades. Trata-se da ação social ligada diretamente ao processo de constituição de subjetividades. Não subjetividades no sentido de estratificação social recortada pela tendência à homogeneidade de ação na vida social. Porém, no sentido molecular do termo: subjetivação. Tornar-se um Outro, sempre.

A imersão é ponto de partida e ponto de chegada da subjetivação. Imergir significa sair e voltar à superfície da experiência social. O retorno é sempre inédito e tal caracterização é provocada pelos trânsitos nas cenas contemporâneas. As cenas variam em seu contexto e conjuntos de pessoas e artefatos sociotécnicos, tais como com os diversos aplicativos digitais em dispositivos móveis usados pelas pessoas em sinergia com espaços sociais presenciais.

Já Trânsito significa movimento posto em ação descentrada, conjunto de pontos sem reta, diagramas, mas, grafos de nódulos. Inscrição primeira em estado permanente. Onde estiver o ator social lá se dá, como imersão-trânsito, uma gênese. Subjetivação. Nem passado, nem futuro. Nem aqui, nem aqui, nem acolá: onde. O ator social em meio a fluxos desejantes digitais em movimentos de manutenção, produção, reconstrução de subjetividades.

Desta maneira, as bifurcações e rupturas dizem respeito aos estados nos quais os atores sociais ao se encontrarem situados, em movimento, perdem-se, achando-se. É sempre espiralado, não circular. Há indissociabilidade com a ruptura e inconstância com a permanência das coisas. Por isso as formações são relacionais. Frívolas e exalam frenética acidez: para

decompor planos e compor-se em novas imersões. Bifurcar e decidir. Sem desacelerar o ritmo, prosseguir atento à sensibilidade do caminhar que faz-se no desfazimento.

Identificações e volatilidade são processos mais complexos. Deixam restos e sobras. Chamamos traçados. E não vemos sentido a interpretar pois seus códigos disjuntam qualquer sombra de certeza. A clareza da dúvida é imponente. Dúvida que se diz em desencaixe com o ser e estar. Nesse caso, identificações e volatilidade como elemento de formações é **quando**. Pura temporalidade manifesta, sem a arrogância de pertencer, filiar ou representar. É figuração, não figura. É processo e estado, não fases ou séries de fases do ser ou do estar. Roça o querer. Vontade de potência? Não. Potência realizada e atualizada da vontade.

Nesse processo, é a dispersão rítmico-concêntrica de condutas sociais de agrupamento que nos desperta perplexidade. No conjunto dessas manifestações de elementos dispersamos e concentramos subjetividades. Criamos tensão e estabelecemos um campo: ele pulsa num ritmo de mundo, diferindo e diferido. As formações no âmbito da experiência contemporânea pedem, por isso mesmo, Hermes original: aquele que comunica. Não o que interpreta ou interfere. O diferido Hermes capaz de descer a Hades e retornar com sua mais inteira pessoa, diferido: imerso e sempre em trânsitos; bifurcado e em rupturas; em identificações e sempre volátil; disperso em ritmo concêntrico naquilo que a ele agrupa. São estes e outros tantos traços que o extemporâneo faz brotar no encontro entre culturas digitais e educação.

Por fim, quando nos deparamos com a questão relativa aos elementos e expressões que se configuram na experiência social contemporânea quanto aos modos pelos quais os atores sociais lidam, constroem, significam e reconfiguram suas ações sociais nos cenários da educação em suas interações e mediações com os processos e produtos das culturas digitais, encontramos o inesperado. Extemporâneo. Um dos mais fecundos territórios dos quais a educação tem evitado, inutilmente. Sempre escapam um ao outro. Nisso, ficamos atentos e com risos de flácida alegria, sem pessimismo, sem amedrontados e febris costumes. Não praguejamos e nem fazemos profecias. Risos um riso risível. E, inesperadamente, inoportunamente, nos defrontamos com a pulsação da vida. Surpresa gostosa de não driblar o extemporâneo e de celebrar com respostas de nudez qualquer roupa que nos tentem vestir. É preciso estar nu e se sentir na estranheza, diferido, surpreendido com aquilo que se nos assola em nossa língua-lodo. Eis nossa decomposição fecunda, em vida. Em intervida!

Referências

- BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- BERRY, J. W. The descendants of a model: Comments on Jahoda. **Culture & Psychology**, 1(3), 373-380, 1995.
- BRONFENBRENNER, Urie. **A ecologia do desenvolvimento humano**: Experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- BRUNER, Jerome. **Atos de significação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede** (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v.1) São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- CORAZZA, Sandra & TADEU, Tomaz. **Composições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- COSTA, Rogério da. **A cultura digital**. 2ª ed. São Paulo: Publifolha, 2003.
- COULON, Alan. **Etnometodologia**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, Vozes, 1995.
- DE KERCKHOVE, Derrick. **A pele da cultura**: uma investigação sobre a nova realidade eletrônica. Lisboa: Relógio d'Água, 1997.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- DUBET, François. **Sociologia da Experiência**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.
- EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. Tradução Sandra Castello Branco. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- FONSECA, Mara Galli; FRANCISCO, Deise Juliana. **Formas de Habitar na Contemporaneidade**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFSGRS, 2000.
- GUATTARI, Félix. **As Três Ecologias**. 17 ed, Campinas: Papius, 1990.
- _____. **O inconsciente maquínico**: ensaios de esquizoanálise. Campinas: Papius, 1988.
- _____. **Revolução molecular**: pulsações políticas do desejo. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- HARKNESS, S; SUPER, C. M. Developmental niche: A theoretical framework for analyzing the household production of health. **Social Science and Medicine**, 38, 219-226, 1994.
- HINE, Christine (Org.) **Virtual methods**: issues in social research on the internet. New York: Berg Publishers, 2005. p. 1-17.
- JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 1ª edição. São Paulo: Editora Aleph, 2008.

LATOURE, B. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

_____. **O Que é o Virtual**. São Paulo, Editora 34, 1996.

_____. **A máquina universo**: criação, cognição, e cultura informática. Porto Alegre: Editora Artmed, 1998.

MERIEU, Philippe. **Aprender...Sim, mas como?** Porto Alegre: Artmed, 1998.

MORIN, Edgar. **As grandes questões do nosso tempo**. Lisboa: Notícias, 1994.

_____. **O método**: 3. O conhecimento do conhecimento. Porto Alegre: Sulina, 1999.

_____. **A cabeça bem feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

OGBU, John. **Origins of human competence**: A cultural-ecological perspective. *Child Development*, 52, 413-429, 1981.

SANTAELLA, Lucia. **Cultura e arte do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: HUCITEC, 1997.

SERRES, M. **Hermès I**: la communication, éd. de Minuit, Paris, 1968.

_____. **Hermès III**: la traduction, éd. de Minuit, Paris, 1974.

_____. **Hermès II**: L'interférence, éd. de Minuit, Paris, 1972.

STERN, R. Susananh; WILLIS, Taylor J. O que os adolescentes estão querendo on-line? In: MAZZARELLA, Sharon R. (Org.) **Os Jovens e a mídia**: 20 questões. Porto Alegre: Artmed, 2009

TAPSCOOT, Don. **A hora da cultura digital**: como os jovens que crescem utilizando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos. Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010.

THOMPSON, J.B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995.

WERTSCH, J. V. Sociocultural research in the copyright age. **Culture & Psychology**, 1, 81-102, 1995.

WERTSCH, J. V; DEL RIO, P; Alvarez, A. (Orgs.), **Estudos socioculturais da mente**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

Recebido em 1º de janeiro de 2014

Aceito em 30 de julho de 2014